



## ANEXO 1 – FICHA DE ENTREVISTA

TEXTO, DISCURSO E SABERES TRADICIONAIS: ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA ENTREVISTA COM UMA MESTRA DO SABER NO ÂMBITO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

TEXT, DISCOURSE AND TRADITIONAL KNOWLEDGE: DISCURSIVE ANALYSIS OF AN INTERVIEW WITH A MASTER OF KNOWLEDGE WITHIN RESIDENCE PEDAGOGIC PROGRAM

Claudiana A. de Paula\*  
José Claudio Luiz Nobre\*\*  
Alcione Aparecida Ferreira\*\*\*  
Elisete Martins Da Silva\*\*\*\*

### FICHA N.º 1 Pessoas, Histórias de Vida e Saberes e Ofícios

**ENTREVISTA REALIZADA POR:** Claudiana Aparecida de Paula, Elizete Pires de Sena, Maciele Rodrigues Silva, Matheus Henrique Rocha, Naiane Isabela Silva.

**1. NOME DO ENTREVISTADO:** Neste texto registrado com M.R.S.

**2. ALCUNHA:** Maria de Antônio de Lino

**3. IDADE E DATA DE NASCIMENTO:** 84 anos de idade; nascida em 14/09/1939.

**4. LOCAL DE NASCIMENTO:** Gameleira, município de Serra Azul de Minas.

**5. LOCAL DE RESIDÊNCIA:** Município de Santo Antônio do Itambé.

**6. ESTADO CIVIL:** Viúva

**7. HABILITAÇÕES ESCOLARES:** Escola da Vida

**8. Que profissões e ocupações secundárias tem tido ao longo da vida?**

Desde pequena aos 8 anos iniciou com seus pais o cultivo da terra, iniciando sua profissão de lavradora. Já por volta dos 10 anos de idade, ela mencionou ter aprendido a fiar linha com seus parentes escravizados que fugiram para a região do município de Serra Azul, mais específico,

---

\* Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [claudianapaula20@gmail.com](mailto:claudianapaula20@gmail.com).

\*\* Docente Orientador do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [jose.nobre@ufvjm.edu.br](mailto:jose.nobre@ufvjm.edu.br).

\*\*\* Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [alcione.ferreira@ufvjm.edu.br](mailto:alcione.ferreira@ufvjm.edu.br).

\*\*\*\* Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica - UFVJM. [elisete.martins@ufvjm.edu.br](mailto:elisete.martins@ufvjm.edu.br).

comunidade de Gameleira. Esta prática de tecelagem praticou com muito agrado no decorrer de sua vida. Atualmente a dona Maria está aposentada por idade, mas ainda fia linha por Hobbie, cultiva jardins com plantas medicinais e plantas suculentas e conta suas histórias de vida e sobre a vivência e a região que cresceu e criou sua família. Além disso, ela traz os nomes de seus parentes, antepassados e suas histórias como uma linha de seu tear, pois de uma história ela parte para outra com muita felicidade e emoção de recontar suas memórias.

### **9. Houve experiência de migração / emigração? Quando, para onde e por quê?**

Durante a sua vida, a Dona Maria teve algumas experiências de migração,

**Na entrevista há informações sobre a atividade tradicional, mas apresentamos aqui excertos pertinentes ao estudo do texto/discurso, cerne deste artigo:**

#### **Excerto 01: a apresentação**

(Mestra M.R.S.) - **Eu fico muito alegre docês ter vindo aqui porque** me alegra porque eu graças a Deus Dia dezesseis (é dia quinze, mas vai ficar pra dia dezesseis), vou completar oitenta e quatro ano. Já passei pela sombra da morte, tive dezesseis filhos; Cresceu doze. Depois... morreram né? Deus permitiu de morrer morreu né? Está lá com Deus né? E estou aqui! De vez em quando Deus fala assim: “Eu vou te levar minha serva!”. Eu falo: “Não!, vou ficar mais uns dias aqui com meus filho. Vou ficar aqui!”; Aí Deus fala assim: “É mesmo! Vai ficar sim! eu vou permitir.” Minha vida foi uma vida corrida, sofrida. Tive meus filhos. 16 filhos. 16 não: 17. 17 filhos eu tive. Escapou 12. De 12 tem 10. O mais velho está com sessenta e... está quase com setenta anos. Carlos está quase com 70 anos né? E ninguém fala que tem essa idade, né? E eu já sou avó de tataraneto. Acho que é três (...) É quatro (...) O mais novo até esqueci o nome dele. (...) **Então né? E eu tô muito alegre por isso, né?** Muito alegre. Tô com saúde graças a Deus. Tô aqui. Quando for dia dezesseis, eu quero vocês aqui, minha família! (...) É dia dezesseis, viu? Eu já falei com seu pai (...) Falei com Júlia também. Em nome de Jesus, eu quero minha família aqui reunida (...).

#### **Excerto 02: trabalho e adversidade**

(N. Aluna) - Vó nessa trajetória de vida a senhora já trabalhou com muitas coisas, né? A senhora já catou flor na serra, também pra vender...

(Mestra M.R.S.) - Oh, minha filha! Orquídea! Lá perto de Diamantina. Subia aquela serra toda, aquele pico ali. Oh minha filha, com a meninada tudo atrás, dormindo debaixo da lapa, junto com os bicho, com as cobra. Cobra, já passou assim... e dormia assim, oh... monstro de cobra.

Aquelas cobra feroz... Dormiu junto com meus menino! Nossa! Misericórdia! Eu fico até emocionada de lembrar, né? Que já passou. (Se emociona). Já passou, cobras dormindo junto dos meus filho. Em cima dos meninos...

**Excerto 03: Resistência, adversidade e sobrevivência: trecho da narrativa sobre a cobra**

(Filha da mestra) - **Conta ela a história, mãe, da cobra que passou em cima dos meninos.**

(Mestra M.R.S.) - Eu vou contar, **eu vou contar pra ela a história da cobra.** Uma cobra. Eu não sei se é cascavel ou se era jaracuçu. Naquela época ninguém decidiu o que é, né? (...) **Aí eu tinha perdido uma menina,** uma menininha, que já tava com sete meses e eu...

(N. Aluna) - De gestação?

(Mestra M.R.S.) - É uai! e ela tava com sete meses de gestação e eu carregando balaio de comida na cabeça, né? Pra levar para os trabalhador. E aí caí sentada com o balaio de comida na cabeça. E cai no morro, bati com a coluna no chão e acabou a menina morreu, eu perdi a menina. Aí, quase morro, mas quase morro mesmo! Que não tinha médico, né? Tive essa menina lá dentro de casa. Minha mãe pegou e enterrou essa menina debaixo da cama. (...)

(N. Aluna) – Nossa!

(Mestra M.R.S.) A gente enterra menino debaixo da cama?! Lá no Baú (Baú é o nome da comunidade onde ela morava). Naiane, eu tenho história pra contar na minha vida (...) Tive essa menina, essa menina nasceu arrancando um pedaço, a mãe juntou, enterrou debaixo da cama eu lá e aí ela falou assim, ô Maria, agora você fica quietinha aí de repouso, de resguardo (...) Cê fica quietinha aí, que eu vou embora (...). Ela fica em um ranchinho e eu ficava no outro. Ela ficava mais meus irmãos, que ela ainda tinha mais 3 irmãos meus que fica com ela, que era Zé Rodrigo e Compadre Paulo...

(N. Aluna) – De filho tem só a senhora?

(Mestra Maria) - Só eu. Morreram tudo Naiane. Nós era 9 filhos (...) e eu a mais velha de todos (...)

(N. Aluna) – A senhora é a mais velha os outros era mais novo...

(Mestra M.R.S.) - Tudo mais novo que eu. E eu estou com oitenta e quatro. Pode falar que eu estou com oitenta e quatro porque ...

(N. Aluna) A senhora tá quase fazendo aniversário né?

(Mestra M.R.S.)- Poucos dias né? É. Completar os oitenta e quatro. E meus irmãos mais novo, caçula já morreram tudo, né? Uns morreram matado, outros morreram doente. Já foram tudo. Eu tô aqui.

(N. Aluna) - A senhora tá aí contando a história deles né, vó?.

(Mestra M.R.S.) -É, tô minha filha contando história! **E depois a cobra minha filha, esse dia que que eu tive essa menina...** (e já tinha) Carlos e Felícia e Maria.

(N. Aluna) – que é os mais velhos

(Mestra M.R.S.) – é os mais velhos (...) Carlos era o mais velho uns sete, oito anos. As outras era mais nova, tudo pequenininho, (...) não tinha coberta pra reбуçar não, Naiane. Nem cama. Nem cama pra deitar... aí ... Antônio pôs eles assim no chão e o fogão era de lenha no chão né?

(N. Aluna) – Aham

(Mestra M.R.S.) - na terra, assim, no chão, no cantinho assim, igual esse, esse fogão de lenha aí (aponta para um fogão à lenha em um canto da cozinha).

(N. Aluna) – esse aqui é da época de vô Ninho né?

(Mestra M.R.S.) – É seu avô Antôninho. Que ele quentava fogo ali. Ali era o lugar que quentava fogo. No fogão ali, né?

(N. Aluna) – Hoje ele tá ali atrapalhando, né vo?! Por causa da fumaça também.

(Mestra Maria) – É... o menino não deixou eu arrancar ele não, meu filho esse que morreu matado ...

(N. Aluna) - Queria arrancar, mas aí a senhora não deixou não, né?

(Mestra Maria) - Ele que falou assim: “ô mãe! Meu pai!! é lugar que meu pai quentava fogo! Não tira esse fogão de lenha não! Não tira não! Deixa esse fogão de lenha aí”. Aí eu não teimei com ele não. Falei assim: “num vou teimar com ele não”.

(N. Aluna) - E é lembrança também né, vó?!

(Mestra M.R.S.) – E é lembrança. Deixa ele (o fogão) E aí, **o negócio da cobra. Deixa eu acabar de contar o caso como é que foi.** Oh, minha filha! **Mãe foi embora e eu fiquei lá.** E meu esposo gostava muito de plantar. Muita roça mesmo no baú né, lá ainda existe esse lugar. (A história continua...)

#### **Excerto 04 – Um Saber Ancestral**

(N. Aluna) - Oh vó, uma vez a senhora contou para mim que muitas coisas que a senhora aprendeu a fazer, que a senhora sabe ou não sabia fazer (tem algumas coisas que a senhora não faz mais, mas se for pra fazer senhora sabe fazer ainda), senhora falou que a senhora aprendeu com o pessoal que veio atrás da senhora. Uma vez a senhora me contou mais ou menos isso. A senhora lembra?

(Mestra M.R.S.) Foi eu aprendi ... eu tecia muito também.. fazia a roupa para os meninos vestir de aqueles... né? Que hoje nem existe mais (...)

(N. Aluna) E com quem a senhora aprendeu a fazer esses negócios, vó?

(Mestra M.R.S.) Com a minha avó! minha avó, bisavó, né? minha avó, vó de seu avô Antoninho, eles plantava muito cafezeiro, fiava linha. Aqueles fusos, eu aprendi a fiar linha foi com ela. Deixe eu ver se está ali para mostrar ocê... Algodão, eu planto o algodão para poder fazer a linha. Eu planto até hoje..